

EDUARDO LOURENÇO PERANTE O *LIVRO DO DESASSOSSEGO*

JOURNEY INTO THE CHAOS: EDUARDO LOURENÇO FACES THE BOOK OF DISQUIET

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v16i31p34-53>

Flávio Rodrigo Vieira Lopes Penteadó Corrêa¹

RESUMO

Em 1982, a primeira edição exaustiva de textos atribuíveis ao *Livro do desassossego* impactou, de forma decisiva, os estudos sobre a obra de Fernando Pessoa. Isso porque aqueles textos não apenas ofereciam novos vieses para a compreensão da heteronímia, mas também colocavam em causa o seu mito genesiaco, segundo o qual o surgimento de Caeiro, Reis e Campos em 1914 teria correspondido a um instante de ruptura no processo criativo pessoano. Eduardo Lourenço foi especialmente sensível a tais mudanças de paradigma, conforme testemunham ensaios compilados por ele em *Fernando, rei da nossa Baviera* (1986), a maioria dos quais escritos após a publicação daquela “espécie de não-livro ou livro impossível”. Em um deles, insuflado pela obra recentemente dada à luz, o ensaísta concebe a “heteronímia clássica” como camuflagem do “heteronimismo original” que desde cedo terá presidido a criação pessoana. Propondo-se a refletir sobre a presumível mudança de perspectiva operada pelo Livro na forma como Lourenço pensa Pessoa e a tradição crítica do autor, este artigo sugere que hipóteses aventadas pelo ensaísta a partir de então estavam latentes em textos mais antigos, inclusive *Pessoa revistado* (1973). Desse modo,

ABSTRACT

In 1982, the first exhaustive edition of texts attributable to *The Book of Disquiet* had a decisive impact on studies of Fernando Pessoa's work. This was because these texts not only offered new ways of understanding heteronymy, but also called into question the myth of its genesis, according to which the emergence of Caeiro, Reis and Campos in 1914 corresponded to an instant of rupture in Pessoa's creative process. Eduardo Lourenço was especially sensitive to such paradigm shifts, as witnessed by the essays he compiled in *Fernando, King of our Bavaria* (1986), most of which were written after the publication of that “kind of non-book or impossible book”. In one of them, inspired by the recently published work, the essayist conceives of “classical heteronymy” as a camouflage for the “original heteronymism” that presided over Pessoa's creation from an early age. Proposing to reflect on the presumed change of perspective brought about by *The Book of Disquiet* in the way Lourenço thinks about Pessoa and the author's critical tradition, this article suggests that the hypotheses put forward by the essayist from then on were latent in earlier texts, including *Pessoa Revisited* (1973). In this way, other essays

¹ Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.

convocam-se também outros ensaios reunidos nos dois volumes de estudos pessoanos nas *Obras completas de Eduardo Lourenço*, chanceladas pela Fundação Calouste Gulbenkian, os quais propiciam a apreensão das linhas de força do conjunto ensaístico que ele consagrou a Fernando Pessoa.

PALAVRAS-CHAVE

Fernando Pessoa; Eduardo Lourenço; *Livro do desassossego*; Ensaio literário.

gathered in the two volumes of Pessoa studies in the Complete Works of Eduardo Lourenço, sponsored by the Calouste Gulbenkian Foundation, are also brought together, which provide an apprehension of the main thrusts of his essays on Fernando Pessoa.

KEYWORDS

Fernando Pessoa; Eduardo Lourenço; The Book of Disquiet; Literary essay.

Em 1985, ao traçar as principais linhas de força dos estudos pessoanos até então, Eduardo Lourenço não se furtou a situar sua própria atividade crítica em uma delas. Perante a constatação de que a obra de Pessoa institui “uma *literatura-outra*”, a qual “põe em causa a essência mesma da poesia e nela a própria Literatura”, o ensaísta enxergava naqueles escritos a solicitação de “uma *crítica-outra*” (Lourenço, 2022, p. 390), a que buscava dar forma nos textos de sua lavra.¹ O traço distintivo dessa crítica moldada segundo as leis do objeto criticado se basearia na assunção de uma postura “*metacrítica*, jogo de espelhos que é também, conscientemente, um jogo no limite do silêncio” (Lourenço, 2022, p. 391). Nos textos de introdução ao par de volumes consagrados à crítica pessoana nas *Obras completas de Eduardo Lourenço*, sob a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian e a coordenação de Pedro Sepúlveda (Lourenço, 2020 e 2022), referem-se duas evidências desse espelhamento entre crítico e criticado. Vale a pena nos determos nelas à maneira de introdução.

A primeira diz respeito ao paralelo com o Fernando Pessoa dos artigos de *A águia*, em 1912, quando o escritor ainda desconhecido previa a iminente aparição “de um supra-Camões na nossa terra” (Pessoa, 2017-2022, online). Com o passar dos anos, formou-se o consenso de que essa entidade corresponderia ao próprio Pessoa, que teria pavimentado para si

¹ Atualizou-se a ortografia de todos os textos citados. Desde que reconhecidas como válidas pelo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, conservaram-se as formas correntes em Portugal, mas não no Brasil. Os itálicos são sempre de Eduardo Lourenço.

mesmo o caminho para a concretização de um feito sem precedentes na cultura portuguesa, almejando colocar-se à frente de Camões no panteão literário nacional. De certo modo, Eduardo Lourenço reproduz essa profecia autorrealizável em algumas de suas análises da fortuna crítica pessoana nos anos que antecedem a publicação do seminal *Pessoa revisitado* (1973). Nelas, conforme pontua Pedro Sepúlveda (2020, p. 17), o ensaísta “deixa transparecer a possibilidade de uma *outra leitura*, como que anunciando em moldes messiânicos, e tão pessoanos”, perspectivas de abordagem que logo viriam a se consumir na sua hoje célebre “leitura estruturante do drama em gente”. Tomem-se como exemplo disso duas passagens, uma extraída de texto a propósito de Mário Sacramento e divulgado em 1969, a outra retirada de texto escrito em 1970, centrado na crítica de Jacinto do Prado Coelho, mas que só veio a público em 2018: “tudo leva a crer que uma nova leitura, a que todas as que conhecemos sirvam como que de *repoussoir*, seja praticável.” (Lourenço, 2020, p. 84); “Essa ‘outra leitura’ é concebível. Basta *não ler* da mesma maneira o que efetivamente Alberto Caeiro *diz* para encontrar aquilo que ele *é*” (Lourenço, 2020, p. 91).

A segunda ilustração do espelhamento entre crítico e criticado fornecida por Pedro Sepúlveda também diz respeito a *Pessoa revisitado*. Como se sabe, no sucinto prefácio à terceira edição da obra, Eduardo Lourenço a designa como “um livro de paixão, um romance de romancista imaginário” (Lourenço, 2020, p. 209), redigido ao longo de três semanas. Após ponderar que este pode “ser considerado o seu único livro, no sentido forte do termo, apresentando uma sequência de capítulos cujo desenvolvimento depende linearmente dos que o antecedem” (Sepúlveda, 2022a, p. 16), o coordenador dos referidos volumes observa que, à semelhança da gênese triunfal dos heterônimos pessoanos em março de 1914, a escrita alegadamente inspirada de *Pessoa revisitado* deriva de todo um trabalho prévio de composição. Em todo caso, o ensaísta considera ser essa a sua obra mais pessoal, aquela em que estaria “mais presente, embora através de outro” (*apud* Sepúlveda, 2022a, p. 16).

Embora Lourenço sugira que, ao falar de Pessoa, também estaria a falar de si mesmo,² não me interessa sondar o universo interior do crítico

² Além de Pessoa, Nuno Júdice (2023, p. 9) amplia tal sugestão aos ensaios de Lourenço sobre Camões e Antero, questionando “se Eduardo não estaria também a falar de si próprio por interpostas pessoas; e também dos enigmas que cada um deles constitui”.

com base no que sabemos do autor criticado. Se faço referência a tais evidências de espelhamento entre um e outro, é porque penso serem ambas decisivas para o argumento deste artigo, no qual me proponho a refletir sobre o impacto do *Livro do desassossego* na crítica pessoana de Eduardo Lourenço. A primeira delas atesta a antecedência de certos pressupostos no imaginário crítico do ensaísta. De forma mais ou menos análoga à profecia autorrealizável da “*crítica-outra*”, a ser consubstanciada em *Pessoa revisitado*, sustentarei que, apesar do reconhecido impacto que o *Livro* teve nos escritos de Lourenço sobre Pessoa, a publicação desta obra não operou, por si só, uma reviravolta no pensamento do ensaísta. Pelo contrário, defenderei que ela terá tornado mais flagrantes intuições que podem ser assimiladas em textos previamente escritos por Lourenço. Daí a importância da segunda evidência de espelhamento entre crítico e criticado à qual aludi: na mesma proporção em que cumpre enfatizar menos a noção de milagre do que a de processo no advento da heteronímia pessoana, convém prestar atenção ao percurso crítico de Eduardo Lourenço – evidenciado pela recente reorganização de sua crítica pessoana, aos cuidados de Pedro Sepúlveda – e nele distinguir traços de uma abordagem fundamentalmente coesa, ao longo dos anos, da obra de Pessoa. Por hipótese, a identificação de tais traços os torna menos dependentes da noção de ruptura, alegadamente representada, no caso lourenciano, pelo advento do *Livro do desassossego* em 1982.

É sabido que esta primeira edição abrangente³ de textos atribuíveis ao *Livro* repercutiu, de forma decisiva, na fortuna crítica de Fernando Pessoa. Além de oferecerem novos vieses para a compreensão da heteronímia, tais textos também colocavam em causa o seu mito genesíaco, segundo o qual o surgimento de Caeiro, Reis e Campos em março de 1914 teria correspondido a um instante de ruptura no processo criativo pessoano. Eduardo Lourenço foi especialmente sensível a tais mudanças de paradigma, conforme atestam ensaios compilados por ele em *Fernando, rei da nossa Baviera* (1986), a maioria dos quais escritos após a publicação daquela “espécie de não-livro” (Lourenço, 2022, p. 237). Naquele que

³ Faz-se necessário o qualificativo em vista da pioneira recolha de seus dispersos até então conhecidos, a cargo de Petrus (Pedro Veiga). Subintitulada “Páginas escolhidas”, veio a público em 1961, sob a chancela do Centro Editorial Português, à frente do qual estava o responsável pela seleta, que a agrupou na coleção “Arte e Cultura”. A esse respeito, ver Morais (2014) e Sousa (2019). Conforme veremos mais adiante, Eduardo Lourenço não ignorava a existência de tal coletânea ao escrever *Pessoa revisitado*.

talvez seja o mais famoso deles, “*O Livro do desassossego texto suicida?*”, datado de 1983, o ensaísta, insuflado pela obra recentemente dada à luz, concebe a “heteronímia clássica” como “camuflagem” de um “heteronimismo original” (Lourenço, 2022, p. 245): “Como o *Livro do Desassossego* o testemunha, sob a *heteronímia expressa*, resiste e persiste uma *heteronímia natural* que, embora não nos consentindo a ilusão de uma *pluralidade mítica*, menos nos consente ainda, se precisássemos de confirmação disso, uma *mítica unidade*” (Lourenço, 2022, p. 250-251).

Essa reviravolta crítica não apenas foi reconhecida pelo próprio ensaísta⁴ como também orientou a recente organização dos referidos volumes de estudos pessoanos nas *Obras completas* do autor (o primeiro deles reúne textos compostos entre 1949 e 1982, enquanto o segundo compreende o período de 1983 até 2017). De fato, tal organização ratifica a percepção de que o *Livro do desassossego* provocou uma guinada nos escritos de Eduardo Lourenço sobre Fernando Pessoa. Não há dúvida de que o *Livro* exerceu forte impacto em toda a fortuna crítica do escritor e, por consequência, na ensaística pessoana de Lourenço. Em vista de tais fatores, são coerentes, ao que parece, as justificativas dadas por Pedro Sepúlveda para o arranjo que propõe: “[o] momento da publicação do *Livro do Desassossego* [...] marca uma viragem nos Estudos Pessoanos e também nas leituras de Lourenço” (Sepúlveda, 2020, p. 15-16); “[A publicação do *Livro do desassossego*] resultou numa importante mudança de perspectiva nas leituras lourencianas, assinalada e comentada pelo autor” (Sepúlveda, 2022a, p. 17). Respalhada por tal reorganização, no entanto, a própria releitura dos textos que conformam a crítica pessoana de Eduardo Lourenço, ao permitir “uma compreensão mais ampla de um percurso de pensamento e de escrita” (Sepúlveda, 2020, p. 42), coloca-nos a seguinte questão: em que termos os textos reunidos no *Livro* de 1982 terão mudado a abordagem do criticado pelo crítico? No ensaio “Fernando, rei da nossa Baviera” (1984), por exemplo, o ensaísta sugere que essa mudança, apesar de profunda, não o apanhou desprevenido:

⁴ “Em conversa com Rosa Pedroso Lima e Valdemar Cruz, por ocasião da atribuição do Prémio Pessoa (*Expresso*, 23 Dez. 2011), Eduardo Lourenço fala, a propósito de Pessoa, de uma ‘assombração que, ao fim de tantos anos, permanece’. Pessoa, acrescenta, ‘não só continuou cada vez mais a ser comentado como teve uma espécie de segunda vida, mesmo para mim. O *Livro do Desassossego* tornou-se um ícone da cultura do séc. XX’. Esta ‘segunda vida’ da ‘assombração’ pessoana é assim relacionada com uma obra particular, o *Livro do Desassossego*” (Sepúlveda, 2022a, p. 29).

Fernando Pessoa, criador único do seu próprio mito, chamou-lhe *drama em gente* e, batizando-o, assim ficou aquém da verdade. Já o sabíamos há muito, sabemo-lo melhor depois da publicação do *Livro do Desassossego*. Embora não altere, para quem o havia lido bem, nada de essencial, perturba grandemente a leitura mitológica do famoso “drama em gente”, tal como foi feita, tomando demasiado à letra a versão de Pessoa sobre a sua própria comédia. Ou antes, explorando apenas alguns elementos dessa versão e não todos (Lourenço, 2022, p. 58; sublinhado meu).

É significativa a afirmação de que o *Livro do desassossego* não modifica a essência de leituras da obra pessoana previamente feitas por quem a havia lido bem (condição em que Eduardo Lourenço parece se colocar na passagem citada). Por isso mesmo, chama a atenção a ressalva de que o *Livro* “perturba grandemente” interpretações afinadas com a mitologia fornecida pelo próprio poeta, sendo este o caso da que se nos oferece em *Pessoa revisitado*. Como compreender essa condicionante, tendo em vista, ainda, a premissa de uma reviravolta desencadeada no pensamento do ensaísta pela publicação de 1982?

Para buscarmos responder a essa pergunta, será útil nos determos em um ensaio recente de Fernando Cabral Martins, no qual defende que “a funda alteração provocada pelo *Livro do Desassossego* [...] não se projeta por inteiro” (Martins, 2023, p. 19) nas apreciações críticas da heteronímia por Eduardo Lourenço a partir de 1983. De acordo com o crítico, um exemplo disso estaria no ensaio “Pessoa. O real irreal”, cuja versão original em francês foi publicada em um periódico parisiense no ano de 1995. Exceto pelos seus parágrafos iniciais, contudo, esse texto corresponde a uma tradução do ensaio “Pessoa ou a realidade como ficção”, originalmente concebido, em 1973, como fecho de *Pessoa revisitado*, mas que foi eliminado do livro pelo autor, vindo a ser publicado em jornal dois anos mais tarde.⁵ À primeira vista, tais circunstâncias elucidam esse aparente retrocesso no caminho crítico trilhado por Lourenço e nos convencem de que, em tal ensaio, ele não preteriria a reconsideração da mitologia heteronímica suscitada pelo *Livro*, ao qual desde logo esteve atento. Mesmo assim, o segmento introdutório acrescido ao texto em 1995 efetivamente merece ser olhado mais de perto. Vejamos o seguinte excerto:

⁵ Ver as notas de Pedro Sepúlveda a esses textos (Lourenço, 2020, p. 517; Lourenço, 2022, p. 497).

Educada à inglesa, na África do Sul, a criança solitária que Pessoa sempre foi muito cedo se apaixonou por Dickens. Nenhuma pessoa no mundo jamais lhe parecerá mais *real* do que Mr. Pickwick. Como se tornar igualmente real [...] como o famoso herói de Dickens? [...] Utilizando uma passagem conhecida do *Livro do Desassossego*, “ser visto como Deus vê o polícia, tanto dentro como fora”? Um dia, sucedeu que, após haver jogado e rejogado com todas as figuras de si mesmo como evanescentes, [...] Pessoa foi arrebatado pela necessidade imperiosa de se tornar no seu próprio Dickens. Tal se passou no mês de março de 1914. Começa, de repente, a tornar-se *outro*, a evadir-se de si mesmo como eu ilusório, criando verdadeiros “eus”, porque outros e irrealis como Mr. Pickwick (Lourenço, 2022, p. 452).⁶

Embora mencionem o *Livro do desassossego*, apontado pelo próprio Eduardo Lourenço como propulsor de uma reviravolta em seu pensamento crítico, essas considerações tornam a se posicionar muito rentes ao retrato mítico da gênese heteronímica que Pessoa oferece a Adolfo Casais Monteiro na famosa carta de 13 de janeiro de 1935, de cuja leitura o ensaísta retém a noção de ruptura que o *Livro* viria a desestabilizar em definitivo. Na passagem citada, construções como “Um dia, sucedeu que”, “Tal se passou no mês de março de 1914” e “Começa, de repente, a tornar-se *outro*” não deixam dúvida alguma de seu parentesco com a narrativa genesíaca. Basta confrontá-las com algumas das passagens mais conhecidas daquela carta:

Num dia em que finalmente desistira – foi em 8 de Março de 1914 – [...] comecei a escrever [...] E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. [...] Aparecido Alberto Caeiro [...] Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente [...] E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a ‘Ode Triunfal’ de Álvaro de Campos (Pessoa, 1999, p. 343).

Ainda que seja pertinente a proposta feita por Cabral Martins em seu artigo, ao sugerir a pormenorizada investigação de matizes no pensamento

⁶ Cito na versão portuguesa a cargo de *KennisTranslations* (José António Oliveira, Maria Reis e Sophie Enderlin). O original em francês está reproduzido na seção “Sobre os textos deste volume” (Lourenço, 2022, p. 500).

crítico de Lourenço sobre Pessoa após 1983,⁷ aqui me proponho a fazer o caminho inverso. Ou seja: mesmo tendo em mente a importância assumida pelo *Livro do desassossego* na crítica pessoana do autor, darei prioridade a ensaios concebidos antes da primeira edição abrangente daquele volume, no encalço da já mencionada sugestão, feita em “Fernando, rei da nossa Baviera” (1984), de que a profunda mudança de perspectiva que o *Livro* provocou não surpreendeu por completo o ensaísta.

Considerando-se a presença, no primeiro volume de crítica pessoana das suas *Obras completas*, de reflexões mais matizadas, nas quais Lourenço acentua menos a noção de milagre do que a de processo na gênese heteronímica, parece-me aconselhável não projetar em sua primeira leitura do *Livro do desassossego* o advento de um fenômeno miraculoso que opera, por si só, uma reviravolta na abordagem dos escritos de Pessoa pelo ensaísta. Se este, anteriormente à escrita de *Pessoa revisitado*, admite a possibilidade de se acharem sinais da prefiguração do trio Caeiro-Reis-Campos na poesia anterior a 1914,⁸ é igualmente possível prestarmos atenção aos ensaios que precedem a aparição fulgurante do *Livro* em 1982 e distinguir, em vários deles, o solo fértil onde germinariam as sementes lançadas por esse “livro impossível” (Lourenço, 2022, p. 237) no pensamento crítico de Lourenço sobre Pessoa.

Tomemos como ilustração disso uma sentença muito presente em nossa memória, a que abre “Fernando, rei da nossa Baviera” (1984), ensaio introdutório da coletânea homônima: “Custa-me imaginar que alguém possa um dia falar melhor de Fernando Pessoa que ele mesmo” (Lourenço, 2022, p. 53). Percepção análoga a essa já se fazia notar na seguinte passagem do segundo capítulo de *Pessoa revisitado* (1973): “Queixar-se ou acusar de ‘intelectualista’ a poesia-Caeiro é duplamente pleonástico. Ninguém sabia e o disse com mais precisão que Pessoa mesmo, *exegeta incomparável da sua criação*” (Lourenço, 2020, p. 237).

Posteriormente a ambos os textos, o ensaísta torna a proferir juízo similar, na sessão de encerramento do *Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*, promovido pelo governo português e realizado na Fundação Calouste Gulbenkian, em dezembro de 1988: “Eu penso que

⁷ A análise das nuances na apreciação que Eduardo Lourenço faz da heteronímia depois da sua leitura primeira do *Livro do Desassossego*, e do grande espanto por ela provocado, tornaria necessário um caminho mais longo” (Martins, 2023, p. 19).

⁸ Refiro-me ao ensaio “A poesia de Pessoa entre 1910 e 1914” (Lourenço, 2020, p. 173-204), datado de 1971 e ao qual voltarei mais adiante.

Fernando Pessoa é um daqueles autores que suscita uma espécie de glosa, na qual todos nós somos obrigados a repetir-nos porque o essencial dessas glosas é obrigado a integrar o próprio olhar crítico que já está inserto na própria criação de Fernando Pessoa” (Lourenço, 2022, p. 442).

Neste último excerto, é também perceptível a reafirmação da necessidade de a crítica se apossar da mitologia engendrada pelo criticado, na medida em que tal mitologia já ofereceria ao intérprete o *essencial* das leituras suscitadas pelos escritos pessoanos.⁹ Por um lado, em um ensaio como “O Livro do desassossego texto suicida?” (1983), o ensaísta enxergava no Livro o poder de desferir “uma machadada *textual* sem apelo” na “interpretação mítica sugerida pelo mesmo Pessoa” (Lourenço, 2022, p. 242) – daí a noção de destruição “da mitologia hermenêutica que até hoje deles [dos textos de Pessoa] procedia ou neles se fundava” (Lourenço, 2022, p. 248), praticada pelo próprio escritor, que fornecera aos seus críticos o “fio de Ariadne” que lhes permitia passear no “labirinto” do que havia escrito (Lourenço, 2022, p. 237). Por outro lado, em mais um ensaio coligido em *Fernando, rei da nossa Baviera* (1986), “Fernando Pessoa ou o eu como ficção” (1985), já advertia Lourenço, novamente à luz do *Livro do desassossego*: “Um dia teremos de voltar ao ponto de partida e tomar à letra o texto de Pessoa [...] Ninguém soube melhor do que Pessoa que as máscaras múltiplas [...] não eram de forma alguma [...] puras invenções, mas o jogo autêntico do desdobramento permanente do seu eu único” (Lourenço, 2022, p. 161).¹⁰ Tal *retorno ao ponto de partida*, porém, ocorrera já no ano anterior, no ensaio “Fernando Pessoa ou o não-amor” (1984), reunido no mesmo volume:

Para os nossos propósitos, basta admitir a eficácia criadora do mito, a sua efetiva encarnação em poemas--autores, suficientemente autônomos para ter trazido à vida esses irmãos, mais do que filhos, de Pessoa, que nós chamamos, como ele o fez, Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos. É exato que Fernando Pessoa os dotou de uma

⁹ Note-se a recorrência de boa parte dos termos presentes em passagem anteriormente citada: “Embora não altere [nada de essencial], para quem [...] havia lido bem [Fernando Pessoa], [o *Livro do desassossego*] perturba grandemente a leitura mitológica do famoso ‘drama em gente’” (Lourenço, 2022, p. 58).

¹⁰ Foi congregada em *Fernando, rei da nossa Baviera* (1986) a versão original em francês, com o título “Pessoa ou le moi comme fiction” (1985). Posteriormente, o texto foi reeditado pelo autor na coletânea *O lugar do anjo – ensaios pessoanos* (2004), na tradução, aqui citada, de Margarida Sérvula Correia. Ver as notas de Pedro Sepúlveda a este ensaio (Lourenço, 2022, p. 470).

biografia, de um corpo, de um destino. Mas o verdadeiro corpo de cada um, o que basta, é o dos poemas que eles são (Lourenço, 2022, p. 133).

Esta passagem é ilustrativa de algum zigzaguear, da parte de Eduardo Lourenço, nos anos imediatamente seguintes à publicação da primeira edição extensiva do *Livro do desassossego*: perante o abalo que o *Livro* suscita na mitologia crítica oferecida pelo próprio Fernando Pessoa, o que fazer dessa mitologia? Repeli-la? Ignorá-la? Voltar a ela com alguma parcimônia? É significativo que o ensaísta retome nesse excerto uma tão fundamental quanto hoje bem conhecida sentença de *Pessoa revisitado* (1973): “esses heterónimos não têm outra realidade *que a poesia que são*” (Lourenço, 2020, p. 226-227). Naquela altura, aliás, o crítico já tinha conhecimento do *Livro*, embora não na decisiva versão de 1982. É com base na pioneira compilação a cargo de Petrus – constituída por cerca de vinte textos, distribuídos em aproximadamente uma centena de páginas¹¹ – que Lourenço cita, em um dos capítulos de *Pessoa revisitado*, um passo do trecho que Pessoa intitulou “Diário lúcido”, qualificando-o como exemplo de “diários mal fingidos e sempre adiados” (Lourenço, 2020, p. 322).¹²

Apesar disso, os trechos coligidos por Petrus não bastaram para que, à época em que escreveu *Pessoa revisitado*, Eduardo Lourenço deixasse de ver em Álvaro de Campos “o Pessoa mais nu”, mesmo que o seu criador conferisse uma “dimensão de fábula” àqueles que, aos olhos do crítico, correspondiam aos “poemas mais desesperados da língua portuguesa” (Lourenço, 2020, p. 326). Tampouco bastaram para que o ensaísta deixasse de vislumbrar nos poemas de *Fausto* uma “escalpelização ou autoviviseção poética sem igual”, “expressão crua” e “materialização sem máscara” do “mundo interior de Pessoa” (Lourenço, 2020, p. 326-327). Dez anos mais tarde, no já referido “O *Livro do desassossego* texto suicida?” (1983), considerações desse gênero seriam dirigidas pelo crítico ao *Livro*, demonstrando alguma coerência na construção de suas ideias sobre Pessoa, ao longo do período que separa *Pessoa revisitado* de *Fernando, rei da nossa Baviera*:

Tudo se passa [...] como se Fernando Pessoa, sob a mal fingida máscara de Bernardo Soares, retirasse toda a ficção às suas ficções [...] para

¹¹ O conteúdo da edição é comentado por Rui Sousa (2019, p. 326-328). O índice é reproduzido na página 363 de tal artigo.

¹² Pode-se ler o trecho “Diário Lúcido” em Pessoa, 2012, p. 433-435.

conservar apenas o *inverso* da experiência que uns e outros, miticamente encarnam, em suma, a mesma vida, mas *nua*. Nua, tanto quanto em Pessoa cabia, mas devia caber muito, pois as *nudezas* mais evidentes de outros, ao lado do que da nossa condição se exprime no *Livro do Desassossego*, parecem vestidas. [...] Em parte alguma sentimos uma luta mais áspera e patética para quebrar o círculo da *ficção* (Lourenço, 2022, p. 241).

Em razão da popularidade alcançada pelo *Livro do desassossego* nos últimos quarenta anos, poderíamos nos questionar, ainda, se Bernardo Soares não teria roubado de Campos o posto de “o mais amado Pessoa, aquele em que maior número de leitores reconhece [...] a quotidiana dificuldade de existir como se sonham e todos nos sonhamos” (Lourenço, 2020, p. 272). Essa, porém, é uma afirmação secundária no contexto de *Pessoa revisitado*, do qual um decisivo argumento – aquele que Lourenço declarará ser perturbado pela leitura do *Livro* – corresponde à ideia de que a gênese heteronímica representa um momento de ruptura na criação poética pessoana. É nesse aspecto que eu gostaria de me deter agora.

Fernando Cabral Martins assinala que Lourenço foi “dos poucos críticos a tomar a sério, desde muito cedo, os heterónimos, nos termos em que o seu autor os apresenta” (Martins, 2023, p. 13) na famosa carta a Casais Monteiro. Penso ser preciso, todavia, modalizar essa asserção, dado que o gesto crítico de Eduardo Lourenço se alicerça sobre uma *crença descrente*, com o perdão do oxímoro.¹³ Certo, no arremate de suas hoje célebres “Considerações pouco ou nada intempestivas”, que conformam o primeiro capítulo de *Pessoa revisitado*, o ensaísta se refere, com todas as letras, à “prévia e ingénua aceitação das múltiplas autoexplicações de Pessoa” (Lourenço, 2020, p. 228). Mas essa é uma ingenuidade premeditada e que, portanto, nada tem de irrefletida: “Sem a aceitação voluntária e ingénua dessa narrativa mítica, a possibilidade de apreender e compreender em detalhe o sentido da ruptura que ela celebra, seria aleatória” (Lourenço, 2020, p. 229). Ou seja: não se trata de admitir a descrição da ruptura heteronímica como fato consumado, mas sim de aceitar tal descrição, estrategicamente, como requisito para a compreensão do enaltecimento, por Pessoa, de uma ruptura que, na realidade, Lourenço já suspeita não se ter processado tal e qual o escritor propôs, conforme

¹³ O que tampouco parece escapar a Cabral Martins, afinal, embora ele não o enfatize: “a aceitação e a dubitativa ironia acerca da heteronímia ocorrem juntas, e que ambas são já uma condição inultrapassável da sua leitura” (Martins, 2023, p. 19).

procurarei evidenciar a seguir.¹⁴ Daí soar-me um tanto retórica – na acepção estrita de *captatio benevolentiae* – a admissão, pelo ensaísta, do atordoamento que o relato mítico de Pessoa lhe suscitara, logo no período inicial de um ensaio datado de 1978: “Obnubilados pela evidência da ruptura espetacular representada pela criação heteronímica e a sua dramaturgia – eu mesmo me conto entre os obnubilados” (Lourenço, 2020, p. 417).

A postura que qualifico como *crença descrente* é recorrente na crítica pessoana de Eduardo Lourenço, antes e depois de *Pessoa revisitado* (1973). Em “Kierkegaard e Pessoa ou a comunicação indireta” (1954-56), posteriormente compilado em *Fernando, rei da nossa Baviera* (1986), o ensaísta adere à mitologia sugerida pelo poeta sem deixar, com ares de paradoxo, de a desmistificar: “Esta interpretação tem [...] a virtude simples de ser a mesma de Pessoa, o que é para nós o seu mais alto mérito. Deste modo não há drama algum de ‘despersonalização’ [...] A heteronímia manifesta apenas ‘o drama em gente’ e permanece aberta [...] falso teatro” (Lourenço, 2020, p. 137-138; sublinhados meus). Anos depois, no ensaio “Poesia e heteronímia. Resposta (sem metáfora) ao Snr. Prof. Jacinto do Prado Coelho” (1971), Lourenço antecipa um aspecto crucial de *Pessoa revisitado* ao se referir nos seguintes termos ao relato mítico que Pessoa oferece a Casais Monteiro: “texto capital sobre a gênese heteronímica, texto [de] que se pode suspeitar integralmente, sem dúvida, mas com a condição de suprimir a questão mesma da gênese dos heterónimos” (Lourenço, 2020, p. 104). Já em texto tardio, embora não datado (ver nota de Pedro Sepúlveda em Lourenço, 2022, p. 501), lê-se: “Com a criação heteronímica, Fernando Pessoa [...] [t]ornou-se o poeta plural que antes do dia triunfal (Março de 1914), segundo a sua própria, discutível, mas eficaz interpretação do ‘milagre’, não era” (Lourenço, 2022, p. 457).

No ensaio “O Livro do desassossego texto suicida?” (1983), percepção familiar a essas seria reafirmada, ainda que por *via negativa* (ou seja, dispensando o mito firmado pelo escritor):

O inextricável da textualidade pessoana de si mesmo produzia o paradigma destinado não só, como Pessoa o sonhara, a *mitificar* a sua aventura, mas a convertê-la, como aconteceu, num dos mitos culturais mais prodigiosos do nosso século. Sob os territórios bem delimitados

¹⁴ Incontáveis intérpretes de Pessoa já se dedicaram à discussão da gênese heteronímica. Para abordagens mais recentes do problema, vejam-se artigos como o de Pedro Sepúlveda (2022b) e o de Gianluca Miraglia (2020).

que todos nos habituamos a designar como Alberto Caeiro, Campos, Reis e Pessoa, era mais fácil assestar os nossos instrumentos hermenêuticos, cada vez mais refinados, e, embora conhecendo a trama do artifício, operar a partir deles, e neles, a análise (Lourenço, 2022, p. 237-238; sublinhado meu).

Tendo em vista a primeira edição abrangente do *Livro do desassossego*, Lourenço vislumbra a possibilidade de abandonar, em definitivo, o mito engendrado por Pessoa. De acordo com o que expus até aqui e conforme também testemunha a passagem que sublinhei no último excerto citado, esse abandono tampouco significa que o ensaísta algum dia tivesse tomado por verdade, de forma inadvertida, o relato mítico da gênese heteronímica. Dois textos dados a conhecer apenas mais recentemente clarificam esse procedimento.

Em manuscrito datável dos anos 1960, no qual se esboçam pontos de vista que serão desenvolvidos em *Pessoa revisitado* (1973), Lourenço afirma não haver outro motivo para duvidar do relato de Pessoa que não a desconfiança dirigida pelo poeta a todas as coisas. Tal atitude, porém, concluiria o debate sem o ter iniciado (Lourenço, 2020, p. 154). Já no início da década de 1970, ao projetar uma tese de doutorado em que assumiria estar em busca da “*regra do jogo*, [de] desvendar o mistério da explosão heteronímica” (Lourenço, 2020, p. 170), o ensaísta, como se dissesse não ser possível jogar aquele jogo sem o conhecimento antecipado de suas regras, dará crédito à narrativa pessoana, com o objetivo de compreender por que o escritor terá recorrido a ela. Ao fim e ao cabo, porém, trata-se da mesma conduta ensaiada na década anterior:

a partir da aceitação dessa veracidade, nada impede, antes tudo convida, a que nos ponhamos por nossa vez a questão mesma do ‘sentido’ desse relato, ou melhor, da explicação possível para o que nele se nos conta como simples facto bruto. [...] Quer dizer, nós deixamos voluntariamente de lado [...] a real gênese psíquica dos heterónimos e dos poemas que os incarnam [...] para buscar uma explicação que nos forneça uma maior luz sobre os poemas (Lourenço, 2020, p. 154).

No preâmbulo de sua projetada tese de doutorado (do qual também derivam ideias presentes em *Pessoa revisitado*), Eduardo Lourenço se mostra persuadido de que Caeiro, Reis e Campos resultam de uma “coerência íntima no interior de um processo criador que envolve a

totalidade do projeto literário do jovem Fernando Pessoa” (Lourenço, 2020, p. 171). Numa época em que não dispunha de uma compilação exaustiva de textos concernentes ao *Livro do desassossego*, os quais evidenciariam “o labirinto sem saída de um heteronimismo original de que os heterónimos [...] são ainda, e apenas, superficial e inconsistente manifestação” (Lourenço, 2022, p. 245), eis porque o ensaísta se volta para os poemas que precedem o dito momento triunfal de 1914.

Inicialmente, Lourenço redige o estudo “A poesia de Pessoa entre 1910 e 1914”. Datado de 1971 e concebido como primeiro capítulo da tese jamais concluída, permaneceu inédito até figurar em suas *Obras completas* (Lourenço, 2020, p. 173-204). Alguns anos mais tarde, por força da transcrição que Georg Rudolf Lind fizera de poemas ingleses atribuídos a Alexander Search, o ensaísta divulga suas “Considerações sobre o Proto-Pessoa (Do Tempo da Morte à Morte do Tempo)”, apresentadas no I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos, realizado no Porto, em abril de 1978, e cujo texto integra as atas do evento (Lourenço, 2020, p. 417-429). Entre um e outro, compôs *Pessoa revisitado*. Pertence ao último capítulo do livro o excerto a seguir:

Nem na ordem estética nem na ordem mais importante da existência a ficção heteronímica se revelou uma *solução*. [...] As quatro clivagens fundamentais da sua existência ideal permanecerão para sempre *separadas* umas das outras, e é inútil buscar na sua impossível soma “a unidade” que não podem constituir. Mas essa “separação” possui uma lei interna, uma arquitetura cuja presença basta para separar radicalmente o pré-Pessoa anterior ao nascimento heteronímico e aquele que a heteronímia marcará para sempre. O que era mera possibilidade adquiriu uma forma e mesmo uma forma particularmente nítida. O regresso ao magma original é impossível, e esse magma mesmo só ganha significação e relevo na luz retrospectiva que os focos Caieiro, Reis e Campos sobre ele projetam (Lourenço, 2020, p. 349).

Sabemos que essas afirmações viriam a ser contraditas pelo *Livro do desassossego*.¹⁵ Ainda assim, convém manter no horizonte os textos de Eduardo Lourenço sobre a poesia de Pessoa pré-1914. Isso porque, embora a conclusão de *Pessoa revisitado* endosse o entendimento desse ano como

¹⁵ “Sempre nos fora cómodo supor que a invenção *histórica* dos heterónimos separava não só por fora, mas por dentro, *os dois* Pessoaas que nesta *dupla escrita* se encarnam. O *Livro do Desassossego* convida-nos a rever a questão” (Lourenço, 2022, p. 247).

marco de uma separação radical entre os poemas que precedem e os que sucedem a formatação do sistema heteronímico – ou seja: uma ruptura –, aqueles dois estudos já apresentam intuições afins às que o ensaísta desenvolveria a partir de 1983, sob a comoção de sua primeira leitura extensiva do *Livro*. Dito de outro modo, ainda que se reconheça o impacto desta obra na crítica pessoana de Lourenço, esse reconhecimento não implica, necessariamente, a admissão de uma reviravolta nas ideias do crítico acerca do criticado. Bem ao contrário, tenho buscado evidenciar a persistência, ao longo dos anos, de algumas dessas ideias na ensaística lourenciana, à parte as modulações argumentativas características do estilo de Eduardo Lourenço, reconhecidamente marcado por cautela e ponderação em suas tomadas de posição (inclusive as mais polêmicas).¹⁶

No primeiro dos dois ensaios referidos há pouco, “A poesia de Pessoa entre 1910 e 1914” (1971), o surgimento de “uma ideia de *consciência como perfeito vazio*” em poemas do jovem Pessoa, nos quais o esvaziamento do eu se contrapõe a “*toda a realidade como realidade exterior*, incluindo a da própria consciência”, é lido por Lourenço como prefiguração de um dilema que conduzirá a Caeiro (Lourenço, 2020, p. 176). Mas é ao *Livro do desassossego* que tal percepção de vacuidade interior virá a se mostrar mais ajustada, na medida em que inúmeros dos textos ali reunidos instituem tanto “o sentimento do eu como *ausência ontológica*” quanto “o sentimento da *ausência ontológica do eu*” (Lourenço, 2022, p. 240). De resto, a intuição de que “Fernando Pessoa dá corpo e voz a um abismo aberto e nunca fechado que é a sua consciência” (Lourenço, 2020, p. 140) já comparecia no ensaio “Kierkegaard e Pessoa ou a Comunicação Indireta”, escrito em meados dos anos 1950 e que só viria integralmente a público em *Fernando, rei da nossa Baviera* (1986).¹⁷

¹⁶ Para citar apenas um exemplo, relativo ao tema deste artigo, pensemos na primitiva versão de “O *Livro do desassossego* texto suicida?” (1983), duas vezes veiculada sem o ponto de interrogação no título: primeiro no volume *Afeto às Letras – Homenagem da Literatura Portuguesa Contemporânea a Jacinto do Prado Coelho* (1984) e depois nas *Actas do II Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos* (1985). Posteriormente, o ensaio foi coligido, em sua forma definitiva (inclusive com o referido acréscimo da interrogação), na coletânea *Fernando, rei da nossa Baviera* (1986). Segundo propõe Joana Matos Frias (2018, p. 45), a sutil alteração no título talvez seja decorrente da “percepção de que ‘texto suicida’ se ofereceria a leituras simplistas ou sumárias, carentes de problematização”.

¹⁷ Por certo, a noção de vacuidade está muito presente nos ensaios congregados por Eduardo Lourenço em *Fernando, rei da nossa Baviera*, a maioria dos quais escritos após a publicação do *Livro do desassossego* em 1982. No entanto, conforme corretamente observa Pedro Sepúlveda (2022a, p. 33), o “sentimento de ausência” é também definido pelo ensaísta, em outros textos (mesmo que de forma menos marcada), “como ponto de partida da criação heteronímica”.

Ainda no ensaio “A poesia de Pessoa entre 1910 e 1914”, chamam especialmente a atenção os comentários de Eduardo Lourenço a “Chuva oblíqua”. Mais do que porem em causa o fundamento empírico da gênese heteronímica tal como narrada por Pessoa – narração que, como em outras ocasiões, Lourenço admite como válida apenas por razões metodológicas –,¹⁸ tais comentários se baseiam na oscilação do poeta para atribuir a autoria do poema a essa ou aquela entidade fictícia, antes de o publicar sob seu próprio nome no segundo número de *Orpheu*:¹⁹

Chuva Oblíqua pairará entre a antiga e impossível inocência *ultrassymbolista*, o *simbolismo* comedido de Fernando Pessoa ele próprio e o delírio perfeitamente controlado de Álvaro de Campos. Se acrescentarmos que é a sombra projetada por Alberto Caeiro, podemos afirmar que este poema é uma encruzilhada de poetas, a primeira e vã tentativa de unificar precisamente aquilo que acabava de se quebrar (Lourenço, 2020, p. 201).

A percepção de que “Chuva Oblíqua” engendra o cruzamento de estilos poéticos distintos, característica marcante do *Livro do Desassossego*, apenas muito posteriormente viria a ser assimilada por Caio Gagliardi (2019, p. 43) como indício de que “a dissolução da heteronímia, entendida como o contorno ficcional fornecido a diferentes escritas, está previsto em seu próprio âmago”. E, no entanto, a perspectiva do aniquilamento da heteronímia – sabidamente associada por Eduardo Lourenço à pulsão suicida que imputa ao *Livro* (Lourenço, 2022, p. 237-251) – já correspondia, em ensaio de 1981, à “tentação de [Pessoa] se suicidar literariamente” (Lourenço, 2020, p. 464). Além disso, perspectiva análoga a essa também se fazia sentir no início das “Considerações sobre o Proto-Pessoa” proferidas em 1978, ao colocar a hipótese de haver “apenas *um* Pessoa,

¹⁸ Eis o trecho, subsequente à citação do parágrafo mais célebre da carta de Pessoa a Casais Monteiro, no qual o poeta narra a aparição súbita de Alberto Caeiro e a imediata reação do criador à criatura: “Temos motivos concretos para pensar que o fenómeno, tal como Pessoa no-lo descreve ou interpreta, foi um pouco mais complexo. Mas, para já, o que diz é suficiente. *Chuva Oblíqua* significa, portanto, um regresso ao que *era*, diz Pessoa. Aceitemos a exegese. O que importa é vermos que se trata de um regresso dialético e não simplesmente de uma forma de voltar ao estado anterior” (Lourenço, 2020, p. 200).

¹⁹ Na edição utilizada por Eduardo Lourenço, preparada por Maria Aliete Galhoz, figurava a informação de que Pessoa considerara atribuir o poema a Álvaro de Campos e depois a Bernardo Soares. Não se sabia, ainda, que o poeta também considerara a atribuição do poema a Alberto Caeiro. Sobre as implicações da edição preparada por Galhoz na crítica pessoana de Lourenço, ver Pedro Sepúlveda (2023).

instalado desde a precoce adolescência poética até à sua morte poeticamente póstuma” (Lourenço, 2020, p. 418-419). Logo a seguir, porém, acrescenta que tal hipótese pareceria “demasiado chocante e inverosímil, demasiado oposta a toda a *mitologia poética e cultural* suscitada [...] pela aventura de Pessoa, para ser tomada à letra” (Lourenço, 2020, p. 419). Dali a poucos anos, lhe daria razão a obra vinda a público em 1982, com base na qual o ensaísta decreta: “É à luz, agora soberana, do *Livro do Desassossego* que todo o texto – falsamente plural – de Fernando Pessoa deve ser relido” (Lourenço, 2022, p. 65). Eis porque Fernando J. B. Martinho, em texto originalmente publicado na revista *Relâmpago*, em 2008, declarou que Eduardo Lourenço “vê confirmadas no *Livro* as teses que, infatigavelmente, há muito vinha construindo” (Martinho, 2022, p. 166).

Com efeito, ao anteciparem a perspectiva de renúncia ao mito heteronímico, as “Considerações sobre o Proto-Pessoa” apresentam intuições que dali a poucos anos seriam ratificadas pelo *Livro do desassossego*. Uma delas diz respeito à possibilidade de considerar “como meros subprodutos do [...] percurso poético [pessoano] todas as aparências de *fragmentação* ou diversificação sob as quais se apresenta material e empiricamente a produção de Pessoa” (Lourenço, 2020, p. 418).²⁰ Por esse motivo, permito-me divergir de Cabral Martins (2023, p. 13) quando sugere que as “Considerações” de 1978 parecem “contradizer [...] de modo frontal” a conferência “*O Livro do desassossego texto suicida*”, proferida em 1983. Embora seja acertada a percepção de que o *Livro* desmonta a mitologia crítica construída à luz do relato genesíaco que Pessoa oferece a Casais Monteiro, parece-me discutível estender esse desmantelamento às posições assumidas por Lourenço antes de 1982. Se o ensaísta recua diante da hipótese de propor uma abordagem da obra pessoana inversa à instituída pelo próprio poeta, é porque ainda lhe faltavam elementos, àquela altura, que sustentassem tal abordagem: “Nesta nova leitura, se os textos a confirmassem, o interessante [...] seria [...] ter de aceitar a *escrita de Pessoa* como essencialmente *imóvel* e, por assim dizer, *fora do tempo*. Que

²⁰ O ensaísta esclarece que tal possibilidade se basearia apenas na “permanência temática do *tempo e a morte*” (Lourenço, 2020, p. 418). Conforme pondera, haveria que considerar, ainda, distinções formais entre Search e Caeiro-Reis-Campos, em razão da carência, no primeiro, do espírito irônico que abunda nos três últimos: “Escalonam-se de 1903 a 1909 os poemas de Alexander Search [...]. Não é meu propósito revisitá-los um a um [...] por [...] revelarem, embora sem o grau de *ironia e humor* metafísicos que um dia governarão toda a sua [de Pessoa] produção poética, um jovem autor a braços com os seus fantasmas *originais*” (Lourenço, 2020, p. 419).

longe estaríamos então do mito do poeta [...]!” (Lourenço, 2020, p. 418; sublinhado meu).

Segundo enunciado no princípio deste artigo, o fundamental do método crítico de Eduardo Lourenço consiste em se deixar guiar pela luz que emana do próprio objeto criticado (daí a necessidade de dar crédito, embora já dela desconfiando, à narrativa genesíaca). Sucede que sua atenção à poesia pessoana pré-1914 começa a lhe colocar dificuldades, no sentido de sustentar a versão pessoana de uma ruptura representada pela gênese triunfal de Caetano de Almeida, Reis e Campos. As “Considerações sobre o Proto-Pessoa” configuram um retrato eloquente desse impasse: apesar de a princípio enunciarem a perspectiva de negar a mitologia heteronímica, terminam por reafirmá-la, mesmo sem renunciar à hipótese, potencialmente perturbadora, de haver uma atemporalidade intrínseca a toda a poesia de Pessoa.²¹ Por ser muito desafiador sustentar tal hipótese apenas com base no *corpus* textual pessoano até então conhecido, serão os textos reunidos de forma póstuma no *Livro do desassossego* que fornecerão ao ensaísta os indícios textuais que faltavam para dar consistência à possibilidade de *desdizer* a mitologia heteronímica sem, no entanto, *contradizer* o próprio Pessoa. Nesse sentido, o *Livro* reafirma, e não põe em questão, o cerne do procedimento hermenêutico de Lourenço, baseado na já mencionada postura “*metacrítica* [...] que é também, conscientemente, um jogo no limite do silêncio” (Lourenço, 2022a, p. 391).

Em síntese: ao contrário do que sugere a zelosa reorganização, por Pedro Sepúlveda, da crítica pessoana de Eduardo Lourenço, penso não haver propriamente um abalo da coerência de tal crítica a partir de 1983, provocado, no ano anterior, pela emergência do *Livro do desassossego*, cujo impacto em seu próprio pensamento foi reconhecido pelo ensaísta. O que se lhe impôs dali por diante foi a necessidade de readequação da régua crítica por quem julgava necessário o crítico se sujeitar ao criticado. Se o *Livro*, por um lado, perturbava a mitologia instituída por Pessoa (sem, no entanto, subtrair o fundamento de leituras da obra pessoana previamente feitas por quem a havia lido bem), visitar tal mitologia, por outro lado, à luz dos textos vindos a público em 1982, permitiria a Lourenço retirar o

²¹ “Só a *negação concreta*, levada a cabo com a aparição de Alberto Caetano, institui Pessoa como o *diferente de si mesmo*, como consciência oca. [...] mas, como esta substituição é intrinsecamente dialética e irônica, pode afirmar-se sem paradoxo algum que o ‘drama em gente’ mais não faz que *reforçar*, objetivando-o, o sentimento original de *inexistência* que de maneira imediata se exprime já nas incipientes poesias de Alexander Search” (Lourenço, 2020, p. 428).

- SEPÚLVEDA, Pedro. "A Bíblia e a exegese: Eduardo Lourenço leitor de Maria Aliete Galhoz". *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 213, p. 22-37, mai./ago. 2023.
- SEPÚLVEDA, Pedro. "Introdução". In: Lourenço, Eduardo. *O Lugar do Anjo. Crítica Pessoaana II (1983-2017)*. Edição de Pedro Sepúlveda. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkia, 2022a. p. 13-50.
- SEPÚLVEDA, Pedro. "Narrativas e variações do dia triunfal de Fernando Pessoa". *Estranhar Pessoa*, Lisboa, n. 9, p. 18-40, Outono de 2022b.
- SEPÚLVEDA, Pedro. "Introdução". In: Lourenço, Eduardo. *Pessoa Revisitado. Crítica Pessoaana I (1949-1982)*. Edição de Pedro Sepúlveda. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020. p. 13-46.
- SOUSA, Rui. "Uma leitura da recepção de Fernando Pessoa: Petrus na Colecção de António Júlia Miranda". *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, Providence, n. 16, p. 316-368, Outono de 2019.

Recebido em 4 de julho de 2023

Aprovado em 25 de novembro de 2023

Licença: 

Flávio Rodrigo Vieira Lopes Penteado Corrêa

Pesquisador de pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa. Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Teatro e Cinema/Instituto Politécnico de Lisboa. Doutor e Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo. Bacharel (2010) e licenciado (2015) em Letras pela Universidade de São Paulo.

Contato: flaviorodrigo.pc@hotmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6072-5551>